

TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Em junho passado, foi fundada a Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião - ANPTECRE -, organização que, como as congêneres em outros âmbitos científicos do país, deverá apoiar e promover entre nós a pesquisa e o estudo da Teologia e das Ciências da Religião, favorecendo o intercâmbio e a colaboração entre pesquisadores e entre instituições dedicados ao ensino, à investigação e à divulgação desses campos do saber. Paralelamente a esse passo importante no domínio associativo, muitos cursos de Teologia têm sido reconhecidos pelo MEC e novos programas de pós-graduação em Ciências da Religião vêm sendo credenciados pela CAPES. Tudo isso parece indicar uma mudança no olhar da Academia e do Estado para dois âmbitos do saber que, sob o influxo do cientificismo positivista, haviam sido marginalizados no séc. XIX e parte do séc. XX.

Essa crescente importância da Teologia e da Religião no âmbito acadêmico e seu reconhecimento na esfera estatal explica-se por certas mudanças em curso nas últimas décadas. Uma delas é a recomposição do campo religioso tradicional de nosso país, que, ao perder a uniformidade que o caracterizava, converteu-se em fenômeno marcado pela pluralidade. Os novos grupos religiosos exigem então direito de cidadania no espaço democrático onde se instalam, e o fenômeno de pluralização demanda interpretação. Outra razão desse renovado interesse pela Teologia e pelas religiões tem a ver com a mudança de paradigmas operada nas últimas décadas. As grandes narrativas ou ideologias que modelaram a compreensão moderna do mundo e do agir humano entraram em crise, tornando possível o retorno daquilo que a modernidade havia rejeitado. As religiões ganham nova relevância, não só conceitual, mas, sobretudo, social e política, como o demonstram os conflitos provocados pelo ressurgimento dos fundamentalismos

nas grandes religiões, e certas leituras da geopolítica mundial, ao oporem o Ocidente cristão aos países de tradição islâmica.

As mudanças que explicam a nova situação da inteligência da fé e das disciplinas que estudam a religião em nosso país levantam, porém, questões importantes. Uma delas, relevante no momento em que essas áreas do saber decidem fundar uma associação comum de incentivo e apoio à pesquisa, é a da epistemologia própria de cada uma. Entretanto, esta decisão, baseada nos pressupostos de que o objeto de pesquisa de ambas tem algo em comum e que o ponto de vista de cada uma pode fecundar o da outra, não deve deixar na sombra o que lhes é constitutivo, tanto do ponto de vista do objeto material quanto do ponto de vista do objeto formal. Mais que opor Teologia e Ciências da Religião, queremos aqui abrir o debate sobre as respectivas epistemias, conscientes da importância capital para a inter-relação entre estas áreas do saber. Propomos aqui, em forma de contraste, os elementos específicos de cada uma, com ênfase no que pensamos ser próprio da Teologia.

Muitos pesquisadores propõem a categoria do sagrado (numinoso) para pensar as religiões, identificando-o com o mistério que, desde Rudolf Otto, é ao mesmo tempo aterrador (tremendum) e fascinante (fascinans). Karl Barth e vários teólogos que vieram depois dele, estabeleceram uma oposição entre a experiência do sagrado, chamada de religiosa ou identificada com as religiões, e a experiência de Deus, que se faz através da Revelação, entendida como autocomunicação de Deus por sua Palavra e acolhida na fé. Com esta última eram identificadas as chamadas religiões do Livro: judaísmo, cristianismo e islamismo. Esta oposição é ainda utilizada por estudiosos das Ciências da Religião e da Teologia para identificar o objeto material de seus respectivos campos do saber: o sagrado e a Revelação. No entanto, em tempos de pluralismo religioso, essa oposição carece de fundamento, não por ser “politicamente incorreta”, mas porque toda experiência religiosa pode se tornar lugar de uma Revelação, e as religiões do Livro podem enriquecer-se com elementos do numinoso, sem contar que muitas religiões, tidas como não possuidoras de escrituras sagradas, conferem a seus textos místico-religiosos e morais um caráter sagrado ou revelado.

Se a oposição entre sagrado e Revelação não é mais conveniente para definir o objeto material das Ciências da Religião e da Teologia, como então defini-lo? A resposta a esta pergunta é de extrema importância, seja por motivos ligados ao estatuto do numinoso nas sociedades atuais, onde a religião ganha novo significado e demanda nova interpretação, seja por motivos ligados à forma como as ciências que estudam essa questão são praticadas.

Com relação ao estatuto do sagrado e da Revelação na atualidade, assina-le-se não só o retorno social e político da religião nas sociedades

hipermodernas, mas também seu retorno difuso, não necessariamente identificável com o Deus da Revelação. Heidegger já cantava as virtudes deste sagrado disseminado no mundo e na linguagem, objeto de leitura poética, própria das diversas disciplinas que compõem as Ciências da Religião, mais que de estudo teológico ou ético, próprio da Teologia e de sua inclinação à ontoteologia. Nessa mesma direção, os pós-modernos apregoam o enfraquecimento de Deus, valorizando desde uma transcendência na imanência, sem referência a Deus, até uma religiosidade cósmica, sem a violência própria do Deus forte das religiões do Livro. Nesse contexto, o que é central para a Teologia parece perder seu valor, e as diversas abordagens da religião (filosófica, antropológica, psicológica, sociológica etc.) ganham pleno direito de cidadania. A própria Teologia parece justificar-se, enquanto uma ciência a mais da religião do que por aquilo que sempre foi desde que surgiu quando a Revelação bíblica, originária do mundo semítico, se encontrou com o lógos grego. Isso pode ocorrer entre pesquisadores das Ciências da Religião formados nas Faculdades de Teologia ou entre teólogos pós-graduados em Ciências da Religião, algo freqüente no Brasil.

Nem a oposição entre religião e fé, introduzida por Barth, nem a confusão entre sagrado e Revelação, presente na mentalidade pós ou hipermoderna, ajudam a identificar o que seria o objeto material das Ciências da Religião e da Teologia, pois tanto o sagrado e a religião podem ser estudados pela Teologia, quanto a fé e a Revelação podem ser objeto de interesse e de pesquisa das Ciências da Religião. De fato, não só de oposição e de confusão vivem essas distintas áreas do saber, uma vez que a razão teológica recorre muitas vezes aos resultados dos estudos das Ciências da Religião, e estas são freqüentemente fecundadas por aquela. A delimitação de fronteiras e a definição das identidades não visam à exclusão de uma pelas outras, mas ao enriquecimento mútuo dos olhares que se cruzam e entrecruzam.

Esses olhares podem certamente estar voltados para o mesmo fenômeno. Distingue-os não tanto o objeto material (sagrado e Revelação), mas o objeto formal. De fato, as disciplinas que compõem as Ciências da Religião, podem estudar certos fenômenos que a Teologia considera de seu âmbito particular e perceber neles coisas que a inteligência da fé não havia imaginado. É o caso, por exemplo, das mudanças ocorridas na vida de quem considera ter feito uma experiência de Deus. A psicologia, a sociologia, a antropologia e a filosofia da religião entendem tais mudanças baseadas nos traços da personalidade ou da psicologia da pessoa em questão, de seu ambiente social, econômico e político, das características de sua cultura ou de alguns elementos filosóficos. A Teologia poderá levar em consideração todos esses dados, mas os captará à luz de categorias como conversão, encontro e comunhão com Deus, acolhida da Revelação divina. Pode acontecer também que certas verdades teológicas sejam interpretadas pelas

ciências sociais da religião, como o caso conhecido da doutrina da predestinação, lida por Max Weber como fonte privilegiada da ética protestante que está na origem do capitalismo. Como vemos, são olhares diferentes sobre um mesmo fenômeno ou uma mesma verdade.

A constatação de que as Ciências da Religião e a Teologia, sem se oporem e sem se confundirem, podem estudar um mesmo objeto material, o sagrado ou a religião, a Revelação ou a fé, mas com olhares distintos, é muito importante no atual momento pelo qual passam em nosso país. O que distingue, propriamente falando, esses dois olhares? A resposta a essa pergunta introduz a questão do objeto formal das Ciências da Religião e da Teologia, outro elemento fundamental na definição das respectivas epistemologias.

O termo teologia, de origem grega, passou por uma série de reinterpretações até adquirir o significado que hoje lhe é conferido. Originariamente, designava uma palavra divina ou o hino de glorificação a Deus, ganhando com Platão o sentido de estudo crítico dos mitos referentes a Deus, que está na origem do significado que se lhe atribui, que foi, pouco a pouco, apropriado pelo cristianismo, primeiro no Oriente (séc. IV-V), e depois, no Ocidente (séc. XIV). Segundo Agostinho e Anselmo, teólogos cujos nomes estão associados à definição do que seria propriamente falando o objeto formal da Teologia, o lógos ou a razão sobre Deus só é possível a partir da experiência da fé. Daí as fórmulas agostinianas decisivas a esse respeito: "intellectus fidei" (inteligência da fé), "crede ut intelligas" (crer para compreender), "praecedit fides, sequitur intellectus" (primeiro vem a fé, depois o entendimento), como a anselmiana: "fides quaerens intellectum" (fé em busca de inteligência).

Com esta definição, as fronteiras entre a Teologia e as demais ciências que estudam o sagrado, e mesmo a Revelação, a partir de outro olhar que o da fé, ficam definidas. Só existe teologia confessional, ou seja, desde uma experiência de adesão, pela fé, àquilo que se crê ou Àquele que provoca o ato de crer. Com isso não queremos reintroduzir a oposição entre religião e fé ou entre sagrado e Revelação. Queremos apresentar a condição sine qua non para que a inteligência da fé exista. Para um pesquisador formado nos cânones de uma epistemologia positivista, esse tipo de afirmação já invalida a pretensão à cientificidade da Teologia, pois seria uma confissão de parcialidade ou de falta de isenção no tratamento do objeto material do fazer teológico. Certamente esse tipo de leitura torna o olhar teológico suspeito de falsidade ou de ideologia, pois seria desde o início viciado pelos cânones da fé.

Se contrastamos a esse olhar o das Ciências da Religião, poderemos ser tentados a pensar que, contrariamente à parcialidade da inteligência da fé, propõe uma leitura mais isenta de pressupostos, pois feita a partir dos cânones estabelecidos pela razão e não por uma convicção provocada por

uma experiência do divino. De fato, as Ciências da Religião (psicologia, sociologia, antropologia e filosofia) apresentam certas leituras do sagrado ou da Revelação que ultrapassam a adesão a uma verdade de fé ou à autocomunicação de Deus, estando, de certa forma, mais isentas para o estudo do fenômeno ao qual se consagram e menos atreladas a uma experiência que parece limitar e coibir a liberdade científica. Esse contraste não pode, porém, ser afirmado de forma absoluta, pois as Ciências da Religião também pertencem a esse domínio do saber tradicionalmente identificado com o das ciências hermenêuticas, o que significa que sua parcialidade ou neutralidade seja mais aparência que realidade. Também elas não são totalmente isentas de pressupostos, sejam os das distintas obediências de escolas, como se pode ver, por exemplo, nas distintas abordagens da psicologia, da sociologia e da antropologia, sejam os ideológicos, como é o caso, por sua vez, das leituras de várias correntes filosóficas sobre a religião e Deus.

O reconhecimento do pressuposto fundamental do fazer teológico (a fé em busca de intelecção) e uma certa relativização da afirmação da ausência de pressupostos das Ciências da Religião, colocam-nos então no caminho para a definição do que realmente é o distintivo da epistemologia de ambas. Como vimos, mais que opor ou confundir os respectivos objetos materiais, é importante perceber a diferença dos objetos formais. Isso assegura a cada uma o bom andamento da própria pesquisa, possibilita a afirmação de suas identidades e traça os parâmetros para um enriquecimento mútuo e fecundo entre elas.

Dado o parâmetro tomado como ponto de partida para pensar a epistemologia da Teologia e das Ciências da Religião, urge ressaltar certas implicações embutidas no que as distingue: a fé. Ao dizer que o olhar do teólogo pressupõe a fé ou a adesão à Palavra que acredita ser-lhe revelada por Deus, é preciso acrescentar que na teologia cristã essa Palavra é pensada como história, inscrita numa história e produtora de história. Portanto, o teólogo não está interessado apenas em resgatar o que aconteceu no passado. Antes preocupa-lhe saber se aquela verdade, percebida como fonte de revelação, é ainda atuante em seu presente, levando-o a construí-lo de forma diferente. A historicidade da fé se traduz, assim, numa práxis de fé, com dimensões existenciais, sociais e cósmicas. Muitas vezes, essa tradução da fé na realidade do teólogo, exigirá de sua parte uma denúncia profética, feita de crítica do que na sua leitura não se conforma àquilo que percebe ser a vontade salvífica de Deus, como também de anúncio desta mesma vontade. Outras vezes, a reflexão profética não dará conta de responder a certas questões que ultrapassam uma transcrição imediata no real. Revestir-se-á, então, da roupagem sapiencial, feita da interrogação pelo sentido do aparente sem sentido, cuja resposta última ainda é a confiança nAquele que não só desencadeou o ato de fé, mas também sua intelecção.

Essa dimensão existencial e prática da inteligência da fé não se encontra certamente nas Ciências da Religião. Isso não quer dizer que não colaborem para dar sentido à vida daqueles que a elas se dedicam, nem que não tenham nenhuma significacao e relevância no real que foi objeto de sua interpretaao. Como dissemos, uma melhor compreensão dos mecanismos psicológicos, sociológicos, antropológicos e filosóficos da religião em geral, e das religiões oriundas da Revelaao e da fé, em particular, pode ajudar a desmascarar certas leituras estreitas ou escravizantes presentes nas experiências do sagrado e nas experiências de Deus, contribuindo assim no processo de desideologizaao de tais experiências. Tal compreensão não implica, porém, a fé-adesão da Teologia. Pode ser uma propedêutica para a reta inteligência da fé, que se entende como discurso sobre Deus, com Deus e em Deus.